

"...E TUDO COMEÇA EM TORNO À MESA"

"Estavam tomando a ceia" (Jo 13,2)

Na **Quinta-feira Santa** celebramos o Amor de Jesus até o extremo, a radicalidade de sua ternura que se faz cuidado até o ponto de identificar-se com a humanidade mais ferida.

Não é só o "dia do amor fraterno", mas do amor pleno, em todas as suas dimensões, tal como se revelou na vida e mensagem de Jesus, culminando neste dia através de quatro expressões:

- É **Amor de Ceia**, compartilhar o pão e o vinho (Eucaristia), em gesto de comunhão aberta a todos os homens e mulheres da terra, amor que protesta contra a fome e marginalização de milhões de pessoas;
 - É **Amor de Lava-pés**, ou seja, de serviço concreto aos outros, na casa, no trabalho, nas relações... É lavar os pés, dar dignidade a quem está próximo ou distante, em gesto concreto de compromisso e ajuda humana;
 - É o **Amor do Novo Mandamento**, o único mandato de Jesus, que marca a identidade dos seus seguidores.
 - É Amor que se institui em forma de **Ministério** concreto de serviço aos demais. Este é o dia do sacerdócio, que não é posição de poder sobre os outros, mas um modo de viver, acompanhando e ajudando os outros, homens e mulheres, em gesto concreto de amor ("com o eu vos tenho amado" e "vos lavei os pés").
- Enfim, Jesus pede aos seus que amem assim, que se lavem os pés, que se ajudem e sirvam a todos. Esta é sua Páscoa de Quinta-feira Santa. E tudo isso junto a uma **mesa**, despojada e provocativa.

Modelada pelo ser humano, a **mesa**, ao mesmo tempo modela todo aquele que dela se aproxima; na perspectiva cristã, a **mesa** desperta em nós aquela sensibilidade e delicadeza de **servidores**, como Jesus teve, ao se prostrar, com o avental, aos pés dos apóstolos para lavar-lhes os pés.

Jesus, antes de se deixar no sacramento do pão, "*desejou ardentemente*" cear com os seus, ou seja, Ele teve fome, desejo ardente, motivação para...

A **mesa** e a **refeição** foram o "**lugar sagrado**" do pão, dos afetos, dos desejos de relações livres, de compromisso, de justiça e de solidariedade vividos por Ele durante sua peregrinação, passando de mesa em mesa, até se fazer alimento, numa mesa de refeição e de festa: a da sua **Páscoa**.

Podemos dizer que a **mesa** tem um "**quê**" de mistério pascal, pois ela nos capacita para acolher o inesperado que vem: o "**outro**" em sua aflição, em sua fome, em sua dor.

Nela, o coração humano encontra repouso, alento, força e vigor para caminhar com sentido de viver no mundo que o cerca, ora em sua paixão, ora em sua morte, mas também em sua ressurreição, até que toda a Criação seja plenificada em Deus.

Palco da realidade cotidiana, a **mesa** da refeição e da festa transforma-se num grande teatro, onde o personagem principal é a **vida** e suas aventuras.

Nesse teatro cotidiano, nós contamos, re-contamos e nos re-conectamos com a nossa própria história, muitas vezes enterrada pelo esquecimento. Como seres pensantes e pulsantes, somos desafiados, junto à mesa, a compor uma nova história.

O importante é que estejamos à **mesa** da refeição sempre inteiros, para que nada seja perdido, alienado aos nossos olhos, mas sim resgatado, redimido pelo "**mistério do encontro**".

Mesa criativa, solo de onde brota o alimento material, emocional, psíquico e espiritual em suas múltiplas formas, cores, aromas e sabores do Reino do Pão e da Festa da Vida.

A grande e sublime refeição foi a **Última Ceia** que se apresenta como o cume de todas as refeições que Jesus participara com diferentes pessoas, porque nela desembocam as aspirações de todos os tempos.

Na **Eucaristia**, estão a mesa, a comida e a bebida, os comensais, sem exclusão de ninguém, provocando, como na mesa humana, a partilha, o encontro, a troca, a comensalidade, a união e a comunhão.

O **altar** se torna o móvel sagrado por excelência, em torno do qual se reúne a povo peregrinante, que marcha para o festim do Reino, mesa definitiva, preparada para todos aqueles que ouviram e atenderam o convite do Senhor. A **mesa** do Senhor oferece pão e vinho, os quais são distribuídos sem distinção de pessoas.

A **eucaristia** reúne os participantes na comensalidade divina, recordando-lhes o grave compromisso que os une a todos os homens e mulheres. Unir-se a Cristo é unir-se a toda e qualquer pessoa.

Quê fazia e quê queria fazer Jesus na Última Ceia?

A chave de resposta está no evangelho de hoje; a única forma de compreender a Eucaristia é entender o **Lava-pés**. O gesto escandaloso de Jesus revela um enfoque nem sempre percebido em seu sentido último. Jesus não faz um gesto teatral; Ele revela aos apóstolos um "**novo ângulo**" ou um novo modo de ver as coisas: não a partir do lugar dos **comensais**, mas a partir da perspectiva de quem não está sentado à mesa.

O gesto de Jesus convida a nos **deslocar**, ou seja, ocupar o lugar da pessoa que não participa da mesa. Quê **novidade** se percebe a partir deste lugar?

Quando me situo no **lugar** fora da mesa, a primeira coisa que percebo é que falta um lugar junto à mesa, precisamente o meu **lugar**.

Suponhamos que os comensais me admitam à mesa e arrumem um lugar para mim. Automaticamente se revela um problema: redistribuição de espaço, de alimentos, etc...

Portanto, olhar a refeição a partir do ângulo de quem não participa muda totalmente as perspectivas.

Assim fica claro que não é normal que haja pessoas excluídas da refeição, quando todos fomos criados para sentarmos como irmãos(ãs) na mesma mesa do Pai. Enquanto houver excluídos não será o banquete que Jesus quis, e portanto, será necessário cair-nos na conta da exigência de mudança para que todos eles possam participar. Somente fazendo-nos solidários da promoção e libertação daqueles que não se sentam à mesa comum poderemos realizar, na verdade, a prática do sacrifício de Jesus.

Esse era o desejo que habitava o mais profundo do coração d'Ele: reunir todos os homens e mulheres ao redor de uma **mesa**, sem exclusões e nem marginalizações.

Não é possível reconhecer o **Corpo do Senhor** presente na Eucaristia se não reconhecemos o **Corpo do Senhor** na comunidade onde alguns passam necessidades. Pois, se fechamos os olhos às divisões e às desigualdades mentimos ao dizer que Cristo está presente na Eucaristia.

Enquanto não nos mobilizamos a mudar nossa sociedade de maneira que mais pessoas aceitem a alegria de compartilhar o pão e a vida, faltará algo em nossa Eucaristia.

Essa “ferida” o cristão deve sempre tê-la presente.

Texto bíblico: Jo 13,1-15

Na oração: O apelo, neste dia, é “*crisificar nossas mesas cotidianas*”; e ao participar delas nos descobriremos solidários com todo o povo que caminha; ao mesmo tempo, elas prolongam em nossas casas a “**mesa do Senhor**”, quebrando em nós qualquer solidão ou muralha e nos ajudando a acolher as pessoas, a amá-las na sua diferença. A “mesa cristificada” desperta em nós outras fomes: justiça, solidariedade, compaixão...
- Jesus, companheiro de mesa, nos convida a ser mesa de acolhida e de partilha.

